

Antoine de
Saint-Exupéry

UM SENTIDO
PARA A VIDA

prefácio e tradução de
Ruy Belo

LIVROS DO BRASIL

As rodas possantes esmagam as estivas.

A erva, açoitada pelo vento do hélice, dá a impressão de escorrer até uma distância de vinte metros. O piloto, com um simples movimento do pulso, desencadeia ou trava a tempestade.

O ruído, agora, com as repetidas acelerações, torna-se cada vez mais cheio, até se converter num meio denso, quase sólido, onde o corpo se acha encerrado. Quando o piloto sente que ele lhe cumula intimamente tudo o que nele é insaciável, pensa: «Está bem.» Depois, com as costas dos dedos, roça pela carlinga. Não sente coisa alguma vibrar. E uma energia tão condensada enche-o de prazer.

Inclina-se para a frente: «Adeus, meus amigos...» Um adeus, assim de madrugada, origina sombras imensas. Mas ainda o piloto se firma para dar esse salto de mais de três mil quilómetros e já se encontra muito longe dele... Olha para a capota preta apoiada no céu, em contraluz, semelhante a um obus. Por trás do hélice, uma paisagem de gaze, toda ela trémula.

O motor gira agora devagar. Soltam-se os apertos de mão, como se fossem amarras, as últimas amarras. Um silêncio estranho domina, quando se apertam o cinto e as duas correias do paraquedas e, depois, quando se ajusta ao corpo a carlinga com um movimento de ombros. Agora é que é a partida: passa-se a pertencer a um outro mundo.

Uma última olhadela ao *tablier*, horizonte de quadrantes, estreito, mas expressivo — leva-se o altímetro até ao ponto zero —, uma última olhadela às asas espessas e curtas, um sinal com a cabeça: «Ótimo...» E aí o temos em liberdade.

Rola lentamente, com o vento pela proa, e puxa para si a alavanca dos gases; o motor, uma descarga de pó, incendeia-se; o avião, engolido pelo

hélice, achata-se. Amortecem-se os primeiros saltos no ar elástico e o piloto, que mede a velocidade pelas reações dos comandos, propaga-se através delas e sente-se crescer.

O chão, agora, parece estender-se, correndo por baixo das rodas como uma correia. O piloto aprecia o ar: primeiro, impalpável, depois fluido, até que finalmente sólido. O piloto apoia-se nele e sobe.

Os hangares, que delimitam a pista, as árvores, a seguir as colinas entregam o horizonte e esquivam-se. A duzentos metros, uma pessoa inclina-se ainda sobre um aprisco de crianças, com árvores plantadas a direito, com casas pintadas; as florestas continuam a ser tão espessas como uma pele. Depois, o chão torna-se nu.

A atmosfera está agitada, o avião bate e empina-se nas vagas breves e duras; os remoinhos atingem as asas e todo ele ressoa. Mas o piloto tem-no na mão, como quem agarra pelo meio um balancim.

Aos três mil, reconquista a calma. O sol dependura-se-lhe na mastreação, nenhum remoinho o agita. A terra, lá muito longe, fixa-se e imobiliza-se. O piloto regula as bússolas, o corretor de ar e, como navega direito a Paris, calcula o ângulo, depois são dez horas de entorpecimento e só se move no tempo.

As vagas, imóveis, abrem um grande leque no mar.

O sol dobrou finalmente o mastro extremo.

Um mal-estar físico surpreendeu o piloto. Olha: a agulha do conta-voltas oscila. Olha: o mar. Depois, um soluço rouco do motor abre-lhe um buraco na consciência, como se lhe desse uma síncope. Agarra instintivamente a alavanca dos gases. Não era nada... uma gota de água. Reconduz suavemente o motor até àquela nota que o cumulava. Se não fosse um suor frio, nem julgaria que chegara a ter medo.

A pouco e pouco, lá volta a encontrar a inclinação das costas, o ponto de apoio exato no cotovelo, necessário à paz.

O sol, agora, domina-o. A fadiga é boa, desde que se não façam

movimentos, desde que se não destrua, num membro, o entorpecimento que o protege, desde que bastem pressões muito suaves nos comandos.

A pressão do óleo desce, volta a subir; que se passa lá dentro?

O motor vibra. Patife! O sol girou para a esquerda, já todo ele se tinge.

O ruído do motor é um ruído metálico. Não... não é uma biela. A distribuição?

A porca da alavanca dos gases desapertou-se. Tem de ter lá a mão, que maçada!

Talvez seja uma biela.

É assim que uma pessoa se apercebe, pela falta de fôlego, pelos dentes a abanar, pelos cabelos cinzentos, que todo o corpo ao mesmo tempo envelheceu.

Desde que consiga aguentar até chegar a terra...

A terra, com os seus campos bem recortados e as suas florestas geométricas e as suas aldeias, tranquiliza uma pessoa. Para melhor a saborear, o piloto pica. A terra, lá de cima, parecia nua e morta; à medida que o avião desce, vai-se vestindo. Os bosques basteiam-na de novo; os vales, as colinas imprimem-lhe um movimento de ondulação: respira. Sobrevoa uma montanha que faz lembrar o peito dum gigante deitado e se enche até quase chegar até ele. Um jardim, na direção do qual dirige a capota, dilata os seus maciços, abre-se à escala do homem.

«O meu motor compete com o trovão!» Os ruídos que ouvia? Já não acredita neles. Apesar de tão perto do chão, é realmente a vida.

Desposa as curvas das planícies, aproxima-se delas como se se aproximasse de um laminador, onde se afia, puxa os campos para si e atira-os para trás, como se fossem um lençol, experimenta os choupos, com um movimento de raqueta consegue escapar-lhes e, algumas vezes, afasta largamente a terra de si como um lutador que tomasse fôlego.

Navega agora direito ao porto, resvés com os telhados de vidros de uma fábrica, e é a luz, resvés com os parques, e é a sombra. O chão torrencial

carreia para debaixo dele tetos, paredes, árvores vindas do horizonte inesgotável.

A aterragem é traiçoeira. Troca-se a torrente do vento, o ronronar do motor e a derrota da última viagem por uma província silenciosa, onde uma pessoa abafa, uma paisagem de anúncio de hangares muito brancos, de tapetes muito verdes, de choupos bem recortados, onde um grupo de inglesas jovens desce, com uma raqueta debaixo do braço, dos aviões azuis de Paris-Londres.

Deixa-se escorregar ao longo da carlinga viscosa. Precipitam-se para ele: «Esplêndido! Esplêndido!...» Oficiais, amigos, papalvos. A fadiga comprime-lhe subitamente os ombros: «Vamos levá-lo...» Baixa a cabeça, olha para as mãos brilhantes de óleo. Passou-lhe a embriaguez e sente uma tristeza mortal.

Afinal, é apenas Jacques Bernis; veste um casaco que cheira a cânfora; mexe-se num corpo dormente, desajeitado, pede à bagagem excessivamente arrumada, a um canto do quarto, tudo o que revela de instável, de provisório. Aquele quarto ainda não foi conquistado pela roupa branca, pelos livros.

«Está lá? ... És tu?» Faz o recenseamento das amizades. As pessoas exclamam, felicitam-no: «Já voltaste?! Bravo! Está bem ... quando é que te volto a ver?» Precisamente hoje é que não está livre. Amanhã? Amanhã vão jogar ao golfe, ele que vá também. Não quer ir? Então, depois de amanhã — jantar — às oito em ponto.

Bernis mete pelas avenidas fora. Tem a impressão de que nada contra a multidão, como se ela fosse uma corrente. Parece-lhe fazer frente a todos os rostos. Alguns deles, que são a própria imagem do repouso, fazem-no sofrer... Se ele conquistasse aquela mulher, a vida seria calma ... calma ... As caras de certos homens são flácidas e sofre moído com isso.

Entra pesadamente num *dancing* e, no meio daqueles brincalhões, continua com aquele capote vestido, o qual faz lembrar o traje de um explorador. Passam a noite naquele recinto como cadozes num aquário,

experimentam um madrigal, dançam, vão beber. Bernis, num ambiente tão vaporoso onde só ele conserva a razão, sente-se pesado como um moço de fretes e apoia-se, muito direito, nas pernas; os pensamentos dele não apresentam halo. Avança pelo meio das mesas, à procura dum lugar vazio. Os olhos das mulheres, que toca com os olhos, esquivam-se, parecem extinguir-se. A gente nova é muito flexível e afasta-se para ele passar. Assim, nas rondas noturnas, os cigarros das sentinelas caem-lhes dos dedos, à medida que ele avança.

Encarregam-no da formação de alunos-pilotos e almoça, naquele dia, na única estalagem que existe perto do campo. Há um grupo de oficiais inferiores que bebem o café e conversam. Bernis presta-lhes atenção.

«Têm um ofício. Gosto destes homens.»

Falam da pista, que é lamacenta de mais, das indemnidades da comboiagem, a seguir da aventura do dia. «Aos cem metros, uma biela no cárter. Que trapalhada. Nem um campo de aterragem... Lá atrás, o pátio de uma quinta. Atiro-me a deslizar, endireito-me, entro a bater na estremeira.» Desatam a rir. «Como daquela vez», conta um sargento-ajudante, «em que fui bater contra uma meda de feno. Ponho-me a procurar o meu passageiro. Um tenente, imagina tu... Cuspido. Vou encontrá-lo atrás da meda.»

Bernis pensa: «Já outros lá deixaram a pele, mas, para eles, reduzem-se apenas a acidentes de trabalho. Gosto bastante daquelas descrições, tão secas como relatórios. Gosto destes homens. Não é que eu tenha espírito de família, mas, entre nós, é possível uma pessoa ser simples.»

«Contem-nos as vossas impressões», pedem as mulheres.

«Aquele aluno, de apelido Pichon, é você?»

«Sou.»

«Ainda nunca voou?»

«Não.»

Melhor, ao menos assim não terá ideias preconcebidas. Os antigos observadores julgam saber tudo. Lembram-se das fórmulas: «Cabo à esquerda ... pé contrário...» Não são alunos maleáveis.

«Eu levo-o: na primeira volta, limita-se a olhar.» Instalam-se.

O mecânico, encarregado da secção de aviões-escola, pega no hélice com uma lentidão irreparável. Ainda terá de esperar mais seis meses e oito dias, até assentou isso, nessa manhã, nas paredes das retretes. Ao todo, segundo o seu cálculo, cerca de dez mil voltas de hélice. Não importa. Então...

O aluno olha para o céu azul, para as árvores estúpidas, para uma manada de vacas que pastam na pista. O monitor vai limpando com a manga a alavanca dos gases: dá gosto vê-la brilhar. O mecânico conta as voltas: tanta energia perdida, são já vinte e duas! «E se limpasses as velas?» Ao menos, assim, o mecânico pode refletir.

Um motor é uma coisa que se põe em movimento se quiser. É melhor deixá-lo livre. Trinta, trinta e um ... o motor põe-se em andamento.

O aluno já não percebe nada de palavras tais como perigo, heroísmo, embriaguez do ar.

O avião voa, o aluno julga que ele ainda se encontra no chão, quando divisa os hangares debaixo de si. Um vento violento fricciona-lhe as faces. Crava os olhos nas costas do monitor.

Meu Deus! O quê? Põem-se a descer. A terra acama-se à direita, à esquerda. Agarra-se com as mãos. Onde é que fica o campo? A única coisa que vê são as florestas que dão voltas, que se aproximam, uma via de caminhos de ferro suspensa a direito, o céu ... e, de súbito, o campo coloca-se diante deles, horizontal, aprazível, à altura das rodas. O aluno sente o contacto da erva; deixa de haver vento, aí está ... o monitor volta-se e ri, o aluno procura compreender. «Princípios elementares», ensina-lhe Bernis, «aconteça o que acontecer de anormal, *primo*: corte; *secundo*: tire os óculos; *tertio*: agarre-se. Só se deve soltar no caso de incêndio. Percebeu? ... »

«Percebi.»

Até que enfim as palavras que o aluno esperava, as palavras que materializam o perigo, que o consideram digno dele. Aos civis, teriam

dito: «Não tenha medo.» Pichon, depositário de um segredo, sente-se orgulhoso... «Aliás», termina o monitor, «a aviação não é uma coisa perigosa.»

Estão à espera de Mortier. Bernis enche o cachimbo. O mecânico, sentado em cima de um bidão, com a cabeça entre as mãos, observa surpreendido o respetivo pé esquerdo, que bate compassadamente.

«Estás a ver, Bernis, o tempo está-se a carregar!» O mecânico levanta os olhos e já vê o horizonte um pouco vaporoso. Vê duas ou três árvores perfiladas, mas a bruma já as cimenta. Bernis não levanta os olhos, continua a encher o cachimbo: «Já sei. Temos aborrecimento.» Mortier tem o *brevet* quase tirado e já devia ter aterrado.

«Bernis, o melhor seria telefonar para lá...»

«A verdade é que ele descolou às quatro e vinte.»

«E depois? não houve notícias?»

«Não, não houve notícias.»

O coronel afasta-se.

Bernis põe, então, as mãos nos quadris, como que desafia a bruma, que cai suavemente como uma rede, que persegue o aluno, sabe Deus onde, contra a terra: «E logo Mortier, que tem falta de sangue-frio, parece um porco a pilotar... não tem graça nenhuma!»

«Escuta...» Não, não é nada: um carro.

«Mortier, se te conseguires desenrascar, prometo-te... prometo-te... um beijo.»

«Bernis!... o telefone.»

«Está?... Quem é esse imbecil que anda a voar rente aos tetos de Donazelle?»

«É um imbecil que ainda acaba por se matar. Mandem-no passear, gaita para a bruma!»

«Mas... olha lá...»

«Vão à procura dele com uma escada!» Bernis desliga. Mortier perdeu-se, anda à procura de um sinal.